

PATRIMONIAR NOSSA HISTÓRIA?

Claudia Jéssica Dias Zanotelli

Judite Sanson de Bem

Caminhando pela cidade pode ser comum ouvir, quando não se passa totalmente despercebido inclusive, frases em referência a antigas edificações em desuso. Fantasmas que pairam na cidade e muitas vezes não se sabe o que fazer sobre eles, abolindo a ideia de novos usos simplesmente pela pouca perspectiva que parecem ter.

É só uma casa velha.

É só uma escola desativada.

É só um moinho abandonado.

São tantos só, e cada só maior que o outro. Com histórias extensas compartilhadas por tantas famílias, toda uma comunidade ou até um município. É só uma memória gigantesca que traduz boa parte da história de uma região.

O que tem por trás desse só? E o que acontece se pensarmos além dele?

Como exemplo de edificação com esse contexto trago a história do Museu do pão, um antigo moinho que passou por várias fases e proprietários, se tornando com o passar do tempo parte da identidade da cidade de Ilópolis e de papel importante para as cidades vizinhas, visto que a economia de algumas décadas se fez em torno deste e de outros moinhos nessa localidade.

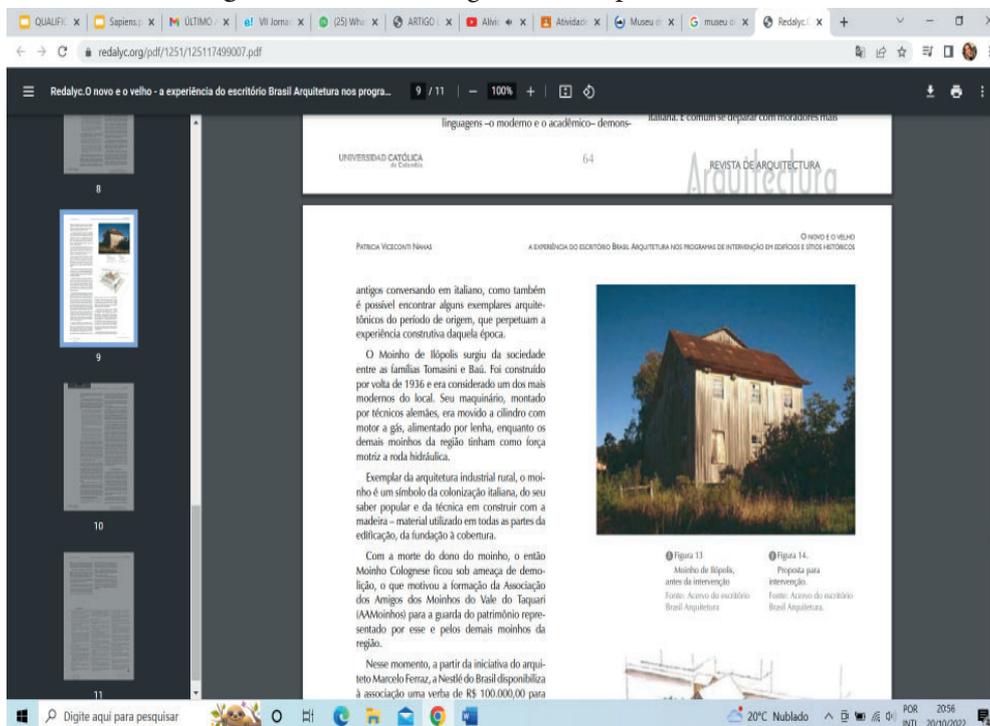
Figura 1 Museu do Pão em Ilópolis/RS



Fonte: a autora.

Como é possível ler no livro sobre o *Caminho dos Moinhos*, veio o questionamento de para que recuperar esses tradicionais moinhos coloniais? A resposta vem em seguida e diz que além do caráter patrimonial inquestionável pela representação da memória de um povo junto a imigração italiana no estado, sua história econômica e social e toda a atmosfera de histórias que permeiam o imaginário popular.

Figura 2 Moinho Colongnese em Ilópolis/RS em 2004



Fonte: <<https://www.redalyc.org/pdf/1251/125117499007.pdf>>.

A edificação estava em situação de abandono, e vinha se degradando pela falta de uso como mostra a figura 2. Com iniciativa pública e privada o lugar ganhou uma nova identidade, permitindo também que a ideia se lançasse a outros moinhos próximos.

Numa linha do tempo citada no livro de Ferraz temos algumas informações, o Moinho de 1930 foi adquirido em 2004 pela Associação dos Amigos dos Moinhos do Vale do Taquari através de recursos da Nestlé Brasil. Em 2005 o escritório Brasil Arquitetura faz o projeto de restauro do mesmo e do novo espaço que abrigará o Museu do Pão, com patrocínio da Nestlé Brasil, apoio da Prefeitura de Ilópolis, IPHAN e Universidade de Caxias do Sul a restauração é iniciada pelos alunos do curso de Restauração e artesanato de madeira, promovido pelo IILA (Instituto Ítalo Latino Americano). Em 2006 através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, a construção do conjunto Museu do Pão e Oficina de Panificação é iniciada. Em 2007 a construção e o restauro do moinho e de seus maquinários são concluídos. Em 2008 ocorre a inauguração de todo o espaço e inicia-se a implementação do Caminho dos Moinhos.

Figura 3 Folder de divulgação Caminho dos Moinhos



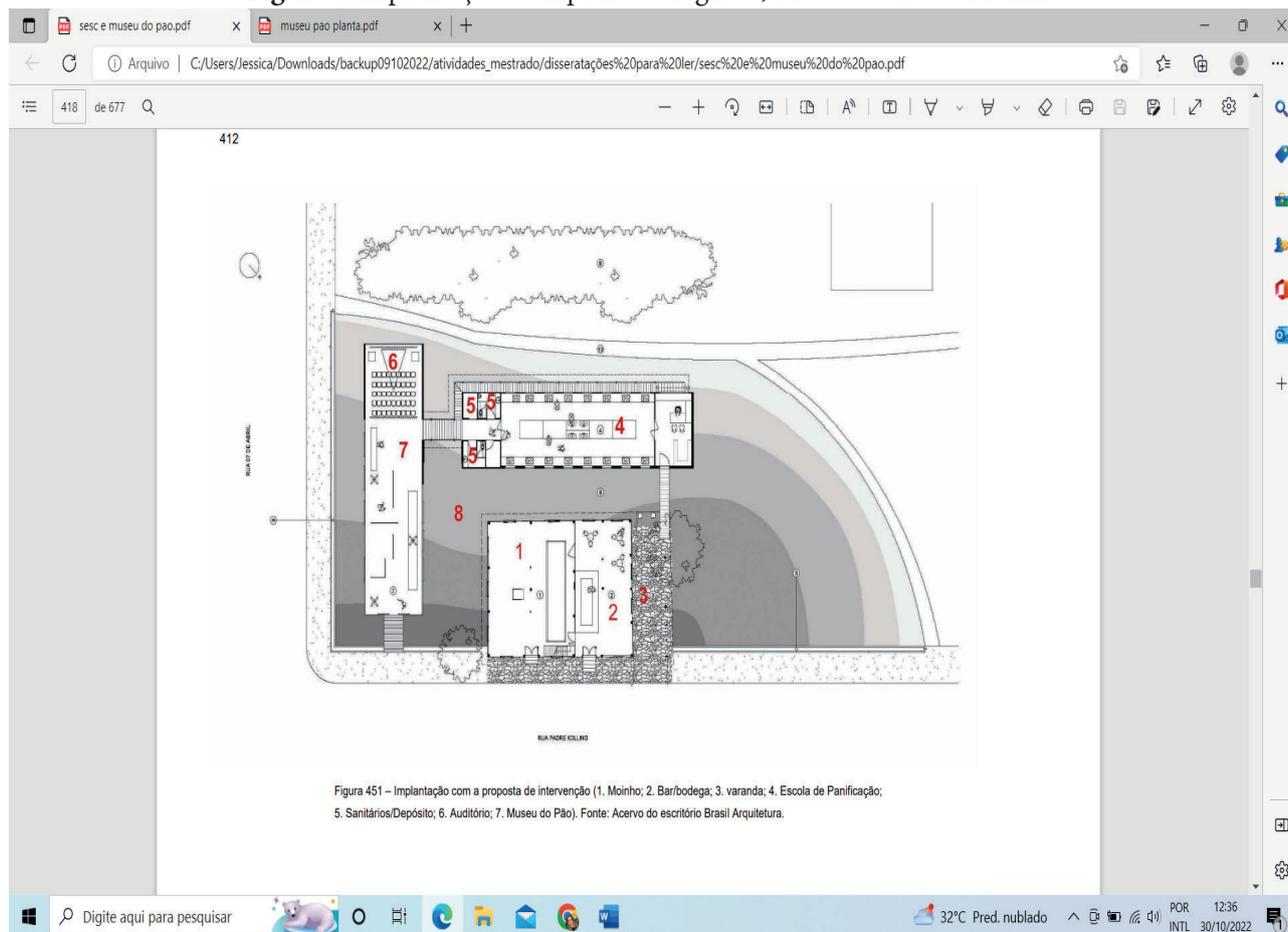
Fonte: foto da autora.

O Caminho dos Moinhos conta hoje com seis moinhos em seu trajeto e visa crescer pelo ponto de vista turístico da região, ressignificando esses importantes prédios que estruturam a história local buscando mantê-los de forma funcional e economicamente estável.

Quantas edificações, cidades e histórias tem potencial para além de só abandono, degradação e ruína?

A rearquitetura dos moinhos lança a ideia para além do que se vê, edificações aparentemente sem solução útil podem ser ressignificadas preservando a memória envolvida e valorizando a história local. Pelo viés sustentável da construção civil é claro que reformar, manter e restaurar trazem menor impacto ambiental, então tantos prédios que são “só prédios” por aí possuem um grande potencial para impactar os meios onde estão inseridos, são edificações carregadas de memória e histórias e nos convidam a nos apropriar e patrimoniar o que é nosso.

Figura 4 Implantação Complexo Colognese, Museu do Pão e Moinho



Fonte: Patricia Viceconti

Esse grupo de pessoas que viram além do só, ofereceram a próxima geração uma nova perspectiva sobre essas edificações, impactando no significado que as mesmas terão para as gerações seguintes e de certa forma oferecendo uma nova forma de ver um prédio aparentemente “sem solução”.

Este é um convite a te questionar além da primeira impressão, se tu olhares aquela casa, escola ou moinho além das paredes desgastadas e do pouco cuidado, o que ele é? O que representa para tua história e toda a construção social da tua geração? Ou mais além, o que ele pode se tornar para todos que se relacionam com ele? Podemos abraçar nossas raízes, para plantar nosso futuro.

Referências

FERRAZ, J. G. Museu do pão: Rota dos Moinhos do Vale do Taquari / João Grinspum Ferraz (Org.) e Marcelo Ferraz; fotografias de Nelson Kon. 2. ed. – Porto Alegre: ardotempo, 2022.

HOPPEN, B. L. Requalificação do salão Holler para gastronomia e lazer. Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Feevale. Novo Hamburgo/RS, 2016.

NAHAS, P. V. Brasil Arquitetura: memória e contemporaneidade. Um percurso do Sesc Pompéia ao Museu do Pão (1977 – 2008). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

<<https://caminhosmoinhos.com/>>

<<http://www.ilopolis-rs.com.br/siteantigo/site/pagina.php?id=15>>

<<https://www.archdaily.com.br/br/01-8579/museu-do-pao-moinho-colognese-brasil-arquitetura>>

<<https://www.anualdesign.com.br/saopaulo/projetos/1166/museu-do-pao/>>